

Camões filósofo

Camões, nunca é demais reafirmá-lo, constitui um patrimônio imperecível da cultura luso-brasileira. Da sua portentosa obra flui uma soma de conhecimentos rara, pela universalidade, mesmo entre os vultos seus contemporâneos mais categorizados. No entanto, não se sabe como a adquiriu, dado que as fontes biográficas de que dispomos são bastante escassas. Isso, entretanto, não obstou a que o Prof. Jorge de Sena, um dos mais completos camonistas de sua geração, tivesse feito a seguinte justa observação: “Não há qualquer prova de que Luís Vaz de Camões tenha estudado na Universidade de Coimbra, ou sequer que tenha seguido quaisquer estudos regulares; contudo, não muitos poetas europeus do seu tempo atingiram um tão vasto conhecimento da cultura clássica e moderna, assim como de filosofia” (*Trinta anos de Camões*, vol. I, 1980, p. 296).

Tem-se investigado privilegiadamente a sua linguagem e há um belo estudo de seus latinismos (Corrêa da Silva), outros se ocuparam com a medicina envolta no poema (Maximino Correia e Afrânio Peixoto), não faltou quem se sentisse atraído pela geografia dos *Lusíadas* (Borges de Figueiredo), ou pela sua flora (Conde de Ficalho), e dispomos até de um estudo sobre a astronomia da epopéia (Pereira da Silva). Mas, se as informações culturais são muitas e notavelmente corretas, não menos dignas de admiração são as páginas em que transparecem o pensamento e as convicções religiosas do Poeta.

Um dos primeiros a se ocuparem com o aspecto filosófico da obra de Camões foi o alto espírito de Joaquim de Carvalho, com seus *Estudos sobre as leituras filosóficas de Camões* (1925). A esse podemos acrescentar um bem fundamentado ensaio do estudioso brasileiro João de Scantimburgo, publicado em São Paulo em 1978, sob o título *Interpretação de Camões* (à luz de Santo Tomás de Aquino). Outro mestre patricio, o Prof. Gladstone Chaves de Melo, em recente Congresso realizado em Lisboa sobre os Descobrimientos Portugueses, apresentou uma comunicação a respeito do pensamento filosófico do Poeta. Eu próprio tenho um artigo impresso no n.º 7, 79-80, da revista *Convergência Lusíada*, editada pelo Real Gabinete Português de Leitura, intitulado “A filosofia de Camões”.

A grande questão que se tem levantado a respeito é a seguinte: Camões, platônico ou aristotélico?

A tradição crítica vai no sentido de privilegiar o platonismo. O Estagirita, principalmente depois que foi acolhido como vero filósofo por Santo Tomás de Aquino, tornou-se a grande figura do pensamento helênico, e clássico de maneira geral, no Medioevo. Ora, o Renascimento, conforme se sabe, opondo-

se à mentalidade medieval, buscou outras fontes ideológicas e as teria encontrado nas reflexões filosóficas do doutor da Academia. Exaltado por uns, criticado por outros, converteu-se o aristotelismo em aceso núcleo de polêmicas renascentistas. Uma das mais conhecidas personagens dessa época, o humanista Petrus Ramus, filiado ao platonismo e autor de umas *Aristotelicas e animadversiones*, chegou a escrever: “quaecumque ab Aristotele dicta essent commentitia esse” (todas aquelas coisas que tiverem sido ditas por Aristóteles são falsas).

Em sua *História da Literatura Portuguesa*, Óscar Lopes e A. J. Saraiva salientam que “Camões tivera uma educação platonizante, como, aliás, todo o cristão culto da sua época e todo o poeta petrarquista”. E acrescentam que “Quando o humanista ressuscitou a Antiguidade, em tantos aspectos oposta ao Cristianismo medieval, foi também o platonismo a doutrina filosófica pela qual se tentou a conciliação das duas mentalidades”.

Para o Prof. José V. de Pina Martins, “contrariamente ao que se tem sustentado, sua (de Luís de Camões) poesia está muito mais marcada pelo filósofo da Academia (Platão) do que pelo sábio do Liceu (Aristóteles)”. (“Camões et la pensée platonicienne de la Renaissance”. *Visages de Luís de Camões*, Paris, 1972).

Como se vê, a questão é controvertida. Joaquim de Carvalho, João de Scantimburgo, Gladstone Chaves de Melo optam pelo aristotelismo. Outros – e creio que são a maioria – inclinam-se pelo platonismo. Penso poder haver uma conciliação: no Camões lírico predomina Platão; no épico, Aristóteles.

O que não se pode aceitar, em meu modesto entender, é a posição do malogrado professor Jorge de Sena, que, baseado na aritmosofia (um cálculo aritmético meio cabalístico), procurou decidir no que chamou a arquitetura dos *Lusíadas*, uma mensagem cripto-judaica, pois Camões teria sido um “alumbrado” de fortes tendências liberais. E como exemplo das conclusões espantosas a que tal método conduz, limitar-nos-emos à interpretação que Jorge de Sena dá aos versos em que o genial vate lusitano se dirige a D. Sebastião: “Os olhos da real benignidade / Ponde no chão”.

É a seguinte:

“E sabem o que isso significa? Trata-se de uma fórmula cabalística da mais alta transcendência, que aproxima a tradução latina para o membro viril, e o Pequeníssimo e o Altíssimo (o Adão primitivo e o próprio Deus): Soberana Benignidade. Considerar com Benignidade era ao mesmo tempo ser circuncidado e ter relações sexuais. Encontra-se tudo isso no Zohar, assim como o número correspondente – 284 –, que é uma das bases do cálculo do poema.” (Camões: *Quelques vues nouvelles sur son épopée et sa pensée*. In *Visages*, p. 166)

Com todo o respeito que devemos ao saudoso camonista, tais conclusões não parecem condizer absolutamente com a realidade textual do poema. Platonizante, sim; aristotélico-tomista, muito bem. Mas anunciador de uma mensagem cripto-judaica, cabalística e acristã, eis o que os fatos e os fastos da História não nos permitem aceitar.

Voz de Portugal
14 a 20/6/85

*

Noam Chomsky, metafísico frustrado da linguagem

1. A arguta frase de Meillet, *Chaque époque a la grammaire de sa philosophie*, expressa não somente o relativismo das posições teóricas da Linguística através dos tempos, mas da própria ciência de maneira geral. No fundo, sempre a finitude do saber humano em face da infinitude do pós-conhecer.

Concretizando o pensamento do grande mestre francês, podemos constatar que a gramática, no Ocidente, foi literária com os gregos e romanos, especulativa na Idade Média, humanista no Renascimento, filosófica no Iluminismo, positivista com o Cientismo, formalista no Estruturalismo. O Gerativismo, ou antes, o Chomskismo, é um caso à parte, como procuraremos demonstrar.

A obra de Noam Chomsky surge na década de 50, isto é, na segunda metade deste nosso século XX (que já vai sendo encoberto pelas nuvens da História). A primeira metade foi dominada pela corrente do Estruturalismo, que conviveu durante largos anos com um Historicismo declinante (não, porém, extinto), como presentemente resiste ao Gerativismo em fase de acalmia.

O Estruturalismo desponta com o *Cours de Linguistique Générale de Ferdinand de Saussure*, publicado por dois lingüistas, Charles Bally e Albert Sechehaye, com a colaboração de Albert Riedlinger, e base em notas de aula de alguns estudantes; veio a lume em 1916¹, Lausanne-Paris, obra póstuma (Saussure falecera em 1913).

Estava-se na 1.ª Guerra Mundial (1914-1918) e o trabalho não teve nem a difusão nem a repercussão merecidas. Na década de 20, editam-se dois livros marcantes: *Le Langage*, de Vendryes e *Language*, de Edward Sapir, ambos de 1921.

Le Langage é uma visão sintética dos princípios que inspiraram a Escola Francesa a qual teve em Antoine Meillet a sua figura exponencial. Meillet aproximava os fatos de língua dos fatos de civilização e, apesar de ter seguido